

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº111 - AGOSTO - PORTO VELHO, 2003  
VOLUME VII

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**SILVIO A. S. GAMBOA** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

**Primeira Versão** destina-se a divulgar ensaios breves em todas as  
Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

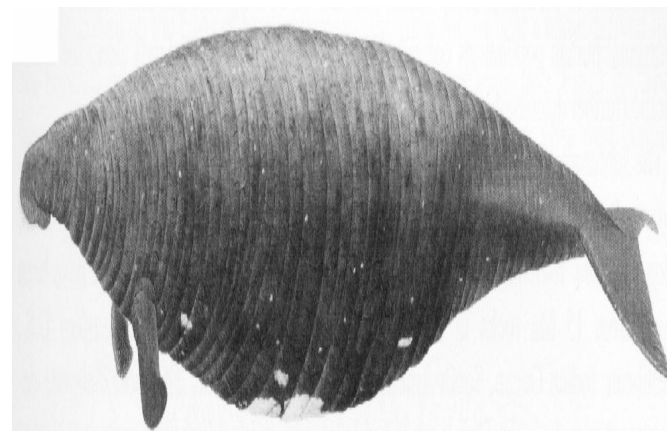
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**111**



## ENSAIO SEM REFERÊNCIAS APARENTES OU EM BUSCA DE UMA ECOEXOSSOMIA

CARLOS SANTOS



Colocaremos como premissa, de início, a condição *sine qua non* de que o espaço parece ter como fundamento das coisas, isto é, enquanto meio de existência de tudo que possamos imaginar (sem enveredar pelo cipoal filosófico da discussão do que seja espaço). Quer dizer, afirmamos que o espaço é condição de possibilidade de todas as coisas. Nesses termos, o espaço não pode ser objeto de estudo, de vez que, pelo figurino científico vigente, é preciso haver distância entre sujeito e objeto. Ou seja, o processo de apreensão de um dado fenômeno, recortado epistemologicamente da realidade, só é possível se esse dado estiver fora do sujeito; quer dizer, se comportar uma operação intelectual de construção. O espaço é intuído e não construído. Enquanto intuído, o espaço é inerente ao sujeito; não é algo externo a ele.

Mas, no entanto, o espaço pode ser fonte de espacialidades, ou seja, manancial de recursos (resultantes da moldagem do conteúdo do espaço, isto é, do seu estoque de materialidade), cuja produção deve ser o verdadeiro alvo de uma teoria social conotando objetos espaciais (sendo objeto aquilo a que a consciência visa). Neste sentido, está intrínseca a premissa que considera o espaço como a dimensão que permite três básicos comportamentos humanos: primeiro, a intuição de possibilidades; segundo, a intenção de possibilidades; e, terceiro, a realização de possibilidades.

Mesmo o tempo, que é a outra condição de existência das coisas, depende do espaço para acontecer; posto que, a essência do tempo é o movimento, e só é possível o mover se existir espaço para a ação. Portanto, mesmo considerando-se que tempo é espaço, e vice-versa, o tempo é, na verdade, uma qualidade do espaço. Assim, até o tempo depende do espaço. Se o espaço é essa condição primordial, então ele é algo já dado, conforme explicado acima. Sendo assim, na condição de *substantivo* o espaço não pode ser, por exemplo, eixo da discussão geográfica. Mas o espaço pode ser qualificado, pode receber atributos, pode ser moldado, pode ser organizado, pode ser logicizado, pode se tornar um texto, pode ser codificado pela disposição dos seus elementos, pela moldagem da materialidade que lhe é inerente (partículas e/ou subpartículas). Pode ser, então, *adjetivo*. Enfim, pode ser poder: *instrumento* – com graduada acessibilidade.

A qualidade do espaço pode ser mensurada, pode ser teorizada, pode ser objetivada, pode ser cientificizada. Assim, é possível uma geograficidade de coisas, de pessoas, de atividades, de fenômenos. Em suma, de valores. Porém, trata-se de uma geograficidade referenciada a um contexto finito: o planeta Terra. Esse horizonte compromete a ampliação do discurso geográfico. A qualificação espacial obviamente não pode se restringir a um limite já superado. A abrangência da moldagem espacial humana vai além, evidentemente, do recinto terrestre. O impulso endo-exossomático humano extrapola seu berço de origem. Esse *élan* de instrumentalizar seu entorno e a si é diretamente proporcional ao grau de consciência dos limites desse meio, que, por sua vez, revela-se cada vez mais estendido. É um jogo dialético. Na medida em que o homem se descobre meio de autoconsciência de si e de seu ambiente, e considerando esse meio, que, no limite, é o

próprio Universo, e que toma consciência de si através do homem, sua espacialidade se amplia na mesma proporção. Assim, o que de fato interessa é o processo incessante de moldagem que o homem promove a si e ao seu entorno. Resulta dessa moldagem um artefato que pode ser despreendido do referencial terrestre. Temos, então, um contexto portátil, móvel, uma prótese, um extenso humano: uma *espacialidade humana*.

E essa é a dimensão que importa ser discutida. A espacialidade enquanto recorte do espaço é o verdadeiro *locus* da condição humana. Nessa conotação, espacialidade pode ser, inclusive, contraposta à noção de sócio-espaço, quando esta é colocada como expressão de processo. Ou seja, o composto "sócio-espaço" como indicação de processo tanto social quanto espacial, mistura alho com bugalho. O processo, no caso, é eminente e exclusivamente social, o espacial funciona como condicionante(s) dado(s) naturalmente, passível de transformação em recurso(s) pela ação social. Desse modo, o composto "sócio-espaço" tem sentido naturalizante e/ou positivista, impreciso, híbrido, de péssima formulação. Em suma, o conceito de espacialidade define o resultado da ação humana na(s) circunvizinhança(s) da presença humana. Trata-se de uma visão de transcendência do *fato geográfico* para o *fato exossomático*.

Mas o espaço não pode ser considerado como mero receptáculo da ação humana. Ele é mais do que isso, é potência. Vale dizer, não se trata de algo vazio que pode ser ocupável mas de um contínuo de materialidade extremamente refinada, portanto portadora de infinita plasticidade. Porquanto o fazer da moldagem espacial, a produção da espacialidade, implica em recíproca configuração. Ou seja, os primeiros hominídeos produziram sua hominização produzindo instrumentos. Isto é, ao moldar seu ambiente à sua imagem e semelhança o homem se moldou enquanto tal. O homem se fez fazendo coisas (pois mesmo o falar é uma fazer sofisticado), fazer sempre abre a possibilidade de fazer melhor, quer dizer, a resistência natural das coisas à finalidade humana obrigou (e tem obrigado) o homem a condicionar-se a novas configurações na exata proporção em que força as coisas (e os outros, no âmbito das relações sociais) a se condicionarem a seus interesses. Então, essa dimensão antropológica (base das outras dimensões: histórica, geográfica, sociológica, econômica, matemática, física, etc.) configura o formato cultural do homem, derivando daí todo um vasto conjunto de implicações a ser consideradas.

### **Parâmetros da Espacialidade**

A proposta acima coloca na berlinda alguns parâmetros que precisam ser apreciados. A espacialidade, conceito central da discussão, é um agregado de elementos que lhe dão sustentação e, inclusive, contribuem para a sua institucionalização. Pela nossa avaliação, são os seguintes: *valor, recurso, territorialidade, singularidade, exossomia e mente*.

### **Valor**

Começamos pelo conceito de *valor*. Simplificadamente, relembremos que a noção de valor moderna surgiu a partir de Adam Smith. Antes, com os fisiocratas e mercantilistas, valor era tido como algo inerente às coisas. Com Smith, passa-se a conceber valor como produção humana, mediada por relações sociais

mercantis, isto é, balizada por um tempo socialmente necessário para a subsistência humana, conforme o adendo de Ricardo, e que Marx vai refinar, ao extrair o caráter social que dá sustentação ao processo, definindo-o, por fim, como *trabalho abstrato*. Valor toma a dimensão da subjetividade humana. Deixa de ser um dado natural para ser um atributo social. Atributo que está em crise enquanto fulcro da modernidade, requerendo assim nova formulação.

### **Recurso**

Outro fator de balizamento da espacialidade é o conceito de recurso. Esse fator também sempre teve uma conotação naturalizada. Recurso foi sempre identificado como matéria natural. Sua desnaturalização vem ocorrendo, paradoxalmente, *pari passu*, com o movimento ecológico desde a Conferência de Roma sobre os limites do crescimento econômico, e com o Relatório Meadows resultante, em começos dos anos setenta do século passado, quando se afirmou a finitude das reservas de matéria prima naturais, e a natureza passou a ser vista como um estoque. Assim, recurso tornou-se algo produzível, isto é, produto da ação humana. E portador de uma elasticidade que a matéria prima natural não possui: as reservas naturais são finitas, inelásticas, mas o recurso é sempre mais recurso na medida em que são exploradas suas potencialidades – quanto mais se usa o recurso mais recurso ele se torna. Portanto, recurso é um meio dotado de extrema plasticidade. Porque recurso é diretamente proporcional à tecnologia de sua produção. Poder de fazer. O *como se faz*, estratégia guardada ciosamente pelas empresas, e razão de tantas batalhas jurídico-empresariais. Vale dizer, saber tecnológico ou precisão de informação, ou simplesmente informação, é hoje, tendencialmente, a locomotiva da economia. É o capital intelectual.

### **Territorialidade**

Valorizar a natureza e produzir recursos importa em controle. Entra em cena então outro ingrediente da espacialidade: a territorialidade. Ela pode ser definida como *um comportamento humano espacial*. Uma expressão de poder que não é nem instintiva e nem agressiva, apenas se constitui em uma estratégia humana para *afetar, influenciar e controlar* o uso social do espaço, abarcando escalas que vão do nível individual ao quadro internacional, dentro de um contexto usualmente denominado de território. O território é usado, por sua vez, na ação governamental para condicionar os processos políticos, visando compensar a incapacidade do mercado em atender a todos, e, ao mesmo tempo, viabilizar o capital. Para tanto, cria externalidades no espaço geográfico, ou seja, gera uma malha de unidades políticas e de infraestruturas, perpassando todos os níveis escalares, suficientes para sustentar a disponibilidade dos bens públicos. Desse modo, a territorialidade dos bens públicos implica, por razão de eficiência, em uma fragmentação territorial, uma multiplicidade de núcleos territoriais que, por sua vez, exigem níveis de controle jurídico-administrativos. Em suma, o conceito de territorialidade é multifacetado. Pode conotar o processo de delimitação de uma porção ecológica da crosta terrestre, aplicando-lhe um significado de patrimônio juridicamente pertencente a um coletivo, constituindo-se assim em território de um estado-nação, por exemplo. Mas também pode significar a valorização econômica desse contexto jurídico-ecológico. Enquanto processo de construção territorial a

territorialidade abrange as ações de *demarcar*, *interditar* e *dominar*. Já no âmbito da produção e da distribuição de recursos a territorialidade implica em *controlar*. Mas é precisamente esse caráter político-econômico da territorialidade, isto é, na forma de processo de produção de recursos e de gestão do acesso aos mesmos que se quer privilegiar aqui.

### **Singularidade**

Recurso requer, como vimos, além do processo de produção, também a distribuição. Isto é, o quanto ele pode ser acessível. A territorialidade é todo um complexo de mecanismos institucionais que regulam o acesso aos recursos. Mas quem tem direito aos recursos? No limite, e essa deve ser a dimensão da cidadania, todos. Vamos ao argumento. Cada pessoa é uma manifestação única tanto biológica (biotipo, atributos físicos) quanto espiritual (atributos mentais, intelectuais, emocionais, de personalidade) no sentido de portarem peculiaridades tais que só elas possuem. Um dado João ou uma dada Maria constituem um sistema humano de *per sí* que não teve ocorrência antes e nem haverá depois. Isto é, são cada um deles uma singularidade. Essa singularidade implica que cada ser humano é portador de uma mensagem, de um recado que só ele pode comunicar. Esse recado é uma teoria que junto com as demais, inerentes aos outros seres humanos, formam uma imensa riqueza de informação, o verdadeiro patrimônio da humanidade. Assim, é crucial que cada um tenha asseguradas todas as condições de expressão de seu cabedal informativo. Nesse sentido, todos devem ter acesso aos meios que lhes facultem se tornar aptos. Raciocínio que se contrapõe a questão, patrocinada pela ideologia burguesa, de que a condição humana seria baseada na desigualdade. Ou seja, embora iguais perante a lei, os homens seriam desiguais em talento e/ou capacidade (sem a relatividade de contextos e/ou circunstâncias). Ocorre que essa visão fascista confunde diversidade com desigualdade. O que ela nega é a expressão plena de interpretações da realidade ou de visões de mundo que não se afinem com a lógica padrão conservadora. Isto é, com a cultura do individualismo, algo tão inerentemente burguês. Mas consideramos que há uma diferença crucial entre *individualismo* e *individualidade*. Por individualismo entende-se aqui o comportamento subjetivista, de caráter egocêntrico, açambarcador. Agora, por individualidade compreende-se a busca de afirmação da singularidade que cada um é portador. Isto é, uma informação que só ele detém e que pode ser, inclusive, traduzida economicamente, desde que os meios lhe sejam acessíveis. Essa condição de expressão deve dar a cada pessoa não só a realização de seu próprio *eu* como significa também uma contribuição, que pode ser traduzida economicamente, como já mencionado, ao acervo de criação intelectual da própria espécie humana. Essa singularidade, em suma, é uma informação que possui um valor traduzível em meio de troca, uma moeda personalística. Desse modo, o acesso aos recursos é transacionado pela contribuição informacional facultada pela singularidade de cada um, com base nessa moeda. Uma troca justa e concreta.

### **Exossomia**

O processo de adaptação dos organismos ao planeta Terra implicou em dois comportamentos básicos, visando melhor ajuste às condições ambientais: *endossomatismo* e *exossomatismo*. O endossomatismo significa a estratégia que os animais desenvolveram, especializando o próprio corpo às injunções do meio terrestre. Consiste em condicionar seus órgãos, tipo garras, pelagem, dentes grandes e afiados, musculatura, força física, e outros expedientes corporais. Já o exossomatismo tem sido a faculdade que grandes primatas, mormente o próprio homem, vem utilizando como meio de instrumentalizar a natureza. Implica na fabricação das mais diversas ferramentas para os mais diversos usos. Essa construção de instrumentos tem significado uma eficaz dominância do homem sobre a natureza, teorizada modernamente pelo projeto iluminista, no que tem sido denominado de cultura da técnica ou de pesquisa tecnológica, mas cujos limites o paradigma ecológico vem mostrando. A tecnologia resultante da exacerbação da exossomia humana tem impactado profundamente os mecanismos de sustentação ecológica do planeta. A exossomia humana tem colocado em xeque a capacidade de sustentação ecológica do planeta ao negligenciar a lógica de reciclabilidade e de regeneração dos circuitos de matéria e energia do sistema natural. Ocorre que, como corolário da própria ideologia de dominação da natureza, explícita no projeto iluminista, a ecologia do contexto social, cuja lógica é idêntica a do sistema natural, no sentido de que preservação ambiental implica equalização social, posto que exclusão social equivale à depredação ambiental. Há duas ecologias, uma natural e outra social, que funcionam da mesma forma, requerendo, portanto, a mesma solução. É preciso, então, redefinir a cultura exossomática.

### **Mente**

A mente é uma síntese de razão e emoção. Em si é uma dimensão de combinação de endossomatismo e exossomatismo. É um mundo de elementos simbólicos, abstratos, que se estruturam formando representações da realidade.

É, assim, um campo virtual que dialeticamente se volta sobre o mundo real conformando-o a seus cânones. Embora produto do cérebro, que lhe dá sustentabilidade real, a mente é capaz de estimulá-lo a ponto de aumentar sua própria eficácia. Tal eficácia, por sua vez, reflexiona-se sobre o cérebro estimulando-o mais ainda. Ou seja, há um jogo de endossomatismo na estimulação do cérebro pela mente que implica em exossomatismo na expansão da própria mente. A mente é toda uma dimensão de definição do eu. Toda a personalidade e potencialidade do eu se encontram no âmbito da mente. A plasticidade da mente, a princípio, é infinita; porquanto se há um limite físico de crescimento para o cérebro não existe barreira para a expansão da mente. A mente é, holograficamente, a totalidade do espaço reproduzida na dimensão dela mesma, e que cada pessoa transporta. Em nível individual, a mente é, de fato, uma panacéia. Todo e qualquer problema que o indivíduo se defronta pode ser resolvido pela mente. O limite dessa solubilidade é a sintonia com a dinâmica do real quando a mente pode acompanhar todo o movimento da realidade. É claro que certos condicionamentos são necessários como, por exemplo, aprender uma profissão. Mas em se tratando de situações tais como auto-aceitação, onde é preciso se deixar fluir o eu tal qual ele é, nenhuma intermediação deve acontecer. Afinal, assumir integralmente o que se é, incorporando todo o seu próprio eu, é o princípio básico do que sempre se considerou como sendo religião. Só que nesse caso a conotação é de *religação*

com a realidade. E esta inclui a si, o outro e todo o contexto. Essa religação estabelece o caráter incomum da mente, qual seja, a faculdade de, ao contrário do espaço, ser objeto de construção teórica. Isto é, a mente é, também, tal qual o espaço, condição de possibilidade da realidade humana. Mas ela não é um dado disponibilizado pela realidade como algo já pronto, como no caso do espaço, ela, a mente, é uma construção. Só que é uma construção que se constrói. É um espaço que se auto-conscientiza e se auto-expande. A mente é um *substantivo* que se torna *adjetivo* por si mesmo. Desse modo, a princípio, a mente pode ter a dimensão do próprio espaço. Isto é, algo que possui um caráter de *infinitude*.

### **Conclusão**

A espacialidade humana se afigura como um meio de inserção do indivíduo no denso tecido social. Para tanto, ele precisa aprender a lidar com estratégias que lhe possibilitem essa inclusão. Esse aprendizado implica em reivindicações políticas e econômicas, a princípio. Na dimensão política importa o exercício pleno da cidadania. Mas esta requer um contexto propício, no caso, a democracia. O nível econômico concerne às condições materiais de sobrevivência e de completa expressão pessoal. Aí significa acesso aos recursos sociais. Exige-se, então, uma nova formatação de mercado, onde uma moeda baseada na singularidade individual, garantida pelo princípio de cidadania, regule o seu funcionamento.

A função de exossomia, base da condição humana, precisa ser balizada pelo paradigma ecológico. A instrumentalização da natureza não pode implicar em depredação, dado o negativo custo-benefício resultante, tanto quanto a exclusão social que, de modo análogo, impõe um alto custo político/econômico, devido a crescente pressão/explosão social. Então formas de valorização, isto é, novos padrões de valor devem ser construídos. Para tanto, é preciso referenciá-los ao paradigma da ecologia, isto é, a uma *ecoexossomia* (inspirada numa *afirmação* do eu e não numa *dominação* do eu).

Se existe sentido na vida humana, ele só pode ser analisado na medida em que se alcança graus crescentes de *adultidade*. O destino do ser humano é ser adulto. Esse processo revela a capacidade de auto-aceitação dos indivíduos e, concomitantemente, aceitação plena do(s) outro(s), implicando em uma relação de desagressividade. Em suma, em uma relação *ecológica* consigo, com o outro e com o meio-ambiente. E essa mediação ecológica é a mente. A mente e o espaço são a mesma coisa. O espaço se tornou mente através da condição humana. Isto é, a mente é o meio através do qual o espaço toma consciência de si mesmo. E essa é a finalidade humana.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*se calo e a fala*

*parece pousar nos olhos*  
*e se nos teus habita*

*o vazio*

CARLOS MOREIRA